

Um território açoriano em São Paulo: Casa dos açores

Maria Izilda Santos de Matos
PUC-SP
Elis Regina Barbosa Angelo
UFRRJ/PUC-SP

Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.

Sayad, A.

Os fenômenos migratórios contemporâneos vislumbram o estabelecimento de novos fluxos, não se podendo prever todos os desencadeamentos e amplitudes. Como tudo que desempenha a função de revelar conflitos e crises, as atuais migrações internacionais criam oportunidades de reavivar as questões em torno do tema e recuperar trajetórias históricas.

Esta investigação pretende contribuir para o estudo da presença dos açorianos para São Paulo, observando sua prática associativa na Casa dos Açores. Ao privilegiar essas experiências históricas, busca-se dar visibilidade a esse grupo (ainda pouco privilegiado nos estudos sobre a e/imigração) e recuperar o processo de constituição de um território açoriano.

A questão historiográfica

A produção em torno dos e/imigração para Brasil é ampla e tem sido enriquecida por abordagens variadas que analisam aspectos diferenciados da questão. No caso dos deslocamentos para São Paulo percebe-se o enfoque privilegiado de certos grupos (particularmente os italianos e japoneses), só mais recentemente que vem sendo ampliadas as pesquisas sobre os portugueses¹, de modo que esse campo aberto à investigação.²

¹ Para uma visão mais ampla dos imigrantes portugueses no Brasil, ver LOBO, Eulália Maria L. Imigração portuguesa no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2001. Para a produção em Portugal destacáramos o livro de PEREIRA, Miriam Halpern. A política portuguesa de Emigração, 1850-1930. Bauru: EDUSC, 2002; CRUZ, Maria Antonieta. Agruras dos emigrantes portugueses no Brasil, Porto, 1987; RODRIGUES, Henrique. Alto Minho no século XIX, contextos Migratórios, socioculturais e familiares. Doutorado, Porto: FLUP, 2003. ALVES, Jorge Fernandes. Os Brasileiros. Porto: s/e., 1994. Para os portugueses no Brasil, ver: RIBEIRO, Gladys S. Mata

O desafio historiográfico de rastrear a presença lusitana precisa reavaliar posições, observando as diferenças e similaridades em relação às experiências de outros grupos. Também, torna-se necessário questionar a ideia do ‘imigrante português’ enquanto sujeito histórico universal³, ressaltando múltiplas experiências e observando as especificidades dos que vieram de diferentes regiões de Portugal Continental e das Ilhas.

Esta investigação questiona as interpretações que privilegiaram enfoques exclusivamente demográfico-econômicos, centrados nas referências expulsão–atração. Assim, pretende-se recuperar e problematizar a e/imigração açoriana observando toda complexidade de situações vivenciadas, incluindo os contextos das saídas, diferentes projetos familiares e estratégias para concretizá-los, os valores que envolveram escolhas e reorientações, os conflitos familiares, geracionais e de gênero, além do conjunto de situações que incluem o estabelecimento de redes, com seus laços de parentesco, conterraneidade e solidariedade, sem ocultar as tensões e rompimentos.

Cabendo destacar

que não houve um único padrão de deslocamento dos grupos familiares, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram bem antes de seus familiares que ficaram aguardando em Portugal; outros vieram ainda quando crianças ou jovens, sem a

Galegos - Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1990. Idem. "Cabras" e "Pés de chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1930. Mestrado /UFF, 1987. SILVA, M. Manuela R. S. Ambição e horror à farda ou a Saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883-1889). Doutorado/FFLCH/USP, 1991. MARTINS, Ismênia e SOUSA, Fernando. Portugueses no Brasil: migrantes em dois atos. Rio de Janeiro/Porto: Muiraquitã/CEPESE, 2006; MARTINS, Ismênia e SOUSA, Fernando. A emigração Portuguesa para o Brasil. Rio de Janeiro/Porto, CEPESE, 2007; MATOS, M. Izilda Santos de e SOUSA, Fernando. Deslocamentos & Histórias: os portugueses. Bauru/Porto: EDUSC/CEPESE, 2008; SOUSA, Fernando, MARTINS, Ismênia e MATOS, M. Izilda S. Nas Duas Margens: os portugueses no Brasil. Porto: CEPESE, 2009. SOUSA, F.; MENEZES, L. M. Brasil-Portugal: Pontes sobre o Atlântico. Múltiplos olhares sobre a E/Imigração. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

² Para a produção historiográfica sobre os e/imigrantes portugueses para São Paulo, ver: MATOS, M. Izilda S. de. Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano SP séculos XIX e XX. Bauru: EDUSC, 2013. MATOS, Maria Izilda e MENEZES, L. M. Portugueses: ações e lutas políticas: Rio de Janeiro: São Paulo. 1. ed. São Paulo: Verona editores, 2015; PASCAL, Maria Aparecida. Portugueses em São Paulo. São Paulo: Expressão e Arte, 2005; FRUTUOSO, Maria Suzel G. A emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos (1850-1950). Mestrado/FFLCH/USP. São Paulo, 1989; FREITAS, Sonia Maria de. Presença portuguesa em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

³ A dificuldade de trabalhar com os açorianos encontra-se no fato de que muitos dados estão ocultados ou internalizados nas informações genéricas sobre os portugueses, tornando-se dados cegos.

família nuclear; em outros casos, a família nuclear veio junta, mas em alguns deles não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir.⁴

Açorianos: saídas e destinos

Apesar das controvérsias sobre os motivos da emigração açoriana, pontuam-se: as limitações do território (solo vulcânico e catástrofes naturais), as dificuldades econômicas (crises de alimentação e de produção), sociais e familiares (aumento demográfico), o tipo de propriedade e o atraso tecnológico. Também às tensões políticas, fugas ao recrutamento militar, poucas oportunidades de trabalho e baixos salários, acrescentando-se à frágil expressão do setor comercial e industrial que emperrava o crescimento, a este conjunto de fatores se soma o desejo de “fazer a América”. As partidas foram contínuas e frequentes, vinculadas aos descontentamentos, dificuldades, na busca de outras possibilidades e na realização de sonhos.

A emigração açoriana se ampliou e se transformou num processo contínuo, gerando polêmicas. Apontava-se os aspectos negativos, enfatizando que o despovoamento afetava as atividades agrícolas e fabris; em contraposição, se destacava os deslocamentos como válvulas de escape para as tensões sociais, assinalando a importância das remessas para o desenvolvimento da economia insular, esses recursos possibilitavam benefícios às propriedades e negócios, além de estimular investimentos e aquecer o comércio.⁵

Quanto à política portuguesa de emigração em seu processo pode ser considerada ambígua, ou seja, ora repressiva, ora permissiva.⁶ A emigração passou a ser encarada como uma questão social e política e se buscou aprimorar o controle sobre as saídas clandestinas, o tráfico ilegal e as ações dos engajadores que contavam com a conivência de agentes e tripulantes.

Quanto aos locais de recepção da emigração açoriana, o Brasil foi um dos principais fluxos, outros vetores migratórios ocorreram para os Estados Unidos, Bermudas, Havaí e

⁴ DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. “Imigração, Família e Educação”. In: V Congresso Luso-brasileiro de História da Educação. Évora, 2003. p.3.

⁵ CORDEIRO, Carlos e SILVA, Susana Serpa. “Perspectiva sobre a emigração açoriana no século XIX”, in: Actas da Conferência Internacional Aproximando Mundos. pp. 327-345.

⁶ PEREIRA, Miriam Halpern. A política portuguesa de Emigração, 1850-1930, Bauru: EDUSC, 2002.

Canadá⁷; aparecendo como destinos menos significativos: Venezuela, Argentina e Uruguai, Austrália, África do Sul, Europa e países africanos de língua portuguesa.

No Brasil têm-se notícias de açorianos nos estados do Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, com destaque para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, rastreiam-se imemoriáveis referências aos açorianos, vinculando-os a tradicionais famílias paulistas. Nos inícios da Grande Imigração (finais do século XIX), foram localizadas famílias da ilha de São Miguel em fazendas na região de Ribeirão Preto (de propriedade de Martinho Prado Jr.) e também em Descalvado, Mogi Mirim, Campinas e Piracicaba.

O recorte temporal que se pretende investigar prioriza o período entre 1950 a 2000, mesmo momento das saídas dos açorianos para os Estados Unidos e Canadá. No caso em pauta os motivos desencadeadores e os objetivos são muito distintos do processo de colonização e povoamento anteriormente ocorridos nos estados do Sul do Brasil.

São Paulo: sociedade de acolhimento

A retomada da e/imigração portuguesa para o Brasil na década de 1950, ocorreu quando da assinatura do Tratado de Amizade e Consulta (1953), tendo São Paulo o principal polo de atração, devido às novas perspectivas de expansão econômica e industrial. Nesse período, a e/imigração portuguesa foi espontânea, apesar de não haver quotas que limitassem as saídas, também, não se podia contar com subsídios governamentais (de Portugal, nem do Brasil), assim, quem decidisse emigrar deveria vir com recursos próprios.

O Brasil tinha a maior colônia de portugueses no estrangeiro, os que chegaram nesse momento somavam-se aos que vieram anteriormente e a seus descendentes. Em 1950, havia no país 1.085.287 estrangeiros, sendo 310.261 portugueses, destes, 135.428 moravam em São Paulo.⁸ Essa comunidade constituiu associações e centros, que se tornaram veículos de comunicação entre o governo português e os lusos no estrangeiro.

Dado o número enorme dos portugueses emigrados, bem como sua dispersão e a ausência de mecanismos rigorosos de localização, o único veículo de comunicação bilateral nesse momento são as estruturas locais organizadas sob a forma associativa: embora o recurso a técnicas de comunicação de massas permitisse teoricamente levar determinada informação

⁷ A emigração sistemática para o Canadá ampliou-se depois de 1953, com acordos bilaterais entre Portugal e este país.

⁸ TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina S.de Souza. Olhares Lusos e Brasileiros. São Paulo: Usina do livro, 2003. p.100.

ao conhecimento de todos os membros de uma comunidade, era inviável o trajeto em sentido contrário.⁹

O governo salazarista (1933-1968) aperfeiçoou a propaganda do regime (difusão de notícias e do ideário do político) para portugueses residentes no estrangeiro, tendo como canal prioritário as casas e associações.¹⁰

Um território açoriano: Vila Carrão

Foi justamente a partir das décadas de 1950 e 1960 que os açorianos¹¹ buscaram em São Paulo novas possibilidades.¹² Eles se instalaram na Vila Carrão (Zona Leste), nas ruas Dentista Barreto, Água Funda e Luzia da Conceição Moraes, que ainda hoje apresentam um número elevado de ilhéus e seus descendentes.

Na Vila Carrão, os açorianos se estabeleceram devido as oportunidades de trabalho, em particular, as oferecidas pelo Cotonifício Guilherme Giorgi, no qual ocupavam maior parte dos postos. O sistema funcionava através de redes¹³, os recém-chegados ou os que eram chamados tinham indicações para a inserção na fábrica:

Primeiro veio meu tio, minha tia e duas primas e depois nós viemos ah... o meu pai e minhas 2 irmãs, depois a minha mãe e 4 filhas e depois ainda mais um tio que morou na nossa casa...o meu pai e as minhas 2 irmãs quando chegaram aqui, o meu tio já tinha arrumado um serviço na tecelagem de Guilherme Giorgi, que geralmente onde todos trabalhavam...Meu pai trabalhou sempre em indústria e nessa tecelagem

⁹ TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. “O diálogo instituído”. Nova Renascença, jul.-set., 1984, p.234.

¹⁰ RODRIGUES, Ondina Antonio. Imigração portuguesa no Brasil. 4.ed. (Série Resumos, 5). Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura: Departamento de Museus e Arquivos. Memorial do Imigrante/Museu do Imigrante. São Paulo, 2006.

¹¹ ANGELO, Elis Regina Barbosa. Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Transformação e as Resignificações Culturais. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

¹² “Os imigrantes portugueses vindos nas décadas de 1950 e 1960 têm características distintas daqueles que vieram na época da Grande Imigração. Camponeses, pessoas com alguma qualificação profissional que, às vezes, chegavam com algum capital e abriam seus próprios negócios, ou jovens que não queriam servir o exército nas colônias portuguesas da África, nas guerras de independência. Um expediente muito utilizado pelos imigrantes para conseguir o visto de entrada no Brasil foram as ‘cartas de chamada’, isto é, um contrato de trabalho, ou então vinham como turistas e aqui se instalavam”. FREITAS, Sônia Maria de, 2006, cit., p.76.

¹³ RAMELLA, Franco. “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratórios”. In: Bjerg, María y Otero, Hernán. Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna. Tandil: CEMLA – IEHS, 1995, p. 9-21. TILLY, Charles. “Transplanted Networks”. In: Yans-McLaughlin, Virginia (ed.). Immigration Reconsidered. History, Sociology and Politics. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 79-95. TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”. In: Tempo Social, Revista de sociologia da USP. SP: v. 20, 2008, p. 199-218.

na Cotonificio Guilherme Giorgi, chamava. E trabalhava também fazendo horta, todo pedaço de terra que ele via. Tinha um campo aí do Guilherme Giorgi, que eram tudo casas, sobrados, apartamentos, que tinha ali, que os portugueses se juntavam ali naquele pedaço de terra e cultivavam ali. E isso, e o meu pai trabalhava de noite na fábrica e durante o dia ele pegava as verdurinhas dele, botava num carrinho de mão e ia vender na feira.¹⁴

Além do trabalho nas fábricas, os açorianos dedicavam-se às ocupações em setores técnicos especializados, ainda, se fazendo presentes nas padarias, armazéns, floriculturas, feiras livres, açougues, participando de forma ativa e garantindo a visibilidade na comunidade da Vila Carrão.

As casas regionais¹⁵, associações e demais entidades surgiram frente as necessidades de auxílio, não só pela procura de trabalho, também pela inserção, assentamento e apropriação de territórios urbanos, além da busca pela manutenção da cultura e das tradições. Nesse contexto, a Casa dos Açores foi fundada na Vila Carrão, na década de 1980.

A Casa dos Açores: Perspectivas e Experiências

A idealização da fundação da Casa dos Açores¹⁶ nasceu da cooperação de membros da comunidade açoriana na Vila Carrão, apesar das tentativas anteriores, o projeto se concretizou em 1980¹⁷. Os que trabalhavam no Cotonificio Guilherme Giorge, além das atividades desenvolvidas nas fábricas¹⁸, se encontravam para conversar, contar histórias e rememorar a

¹⁴ Depoimento de Dona Maria de Lurdes Arruda Paz, em entrevista concedida em 02/11/2006.

¹⁵ “Apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais – é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam...”. SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Ed. UnB, 1990. p.67.

¹⁶ Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. Açor - Órgão Informativo da Casa dos Açores. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. 1987. p.1

¹⁷ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

¹⁸ A Casa dos Açores não é uma associação mutualista ou sociedades de socorros mútuos, essas foram criadas visando minimizar a falta de políticas sociais do Estado, buscavam proteção contra doenças, amparo na velhice, desemprego e morte, também, se inscreve como manifestação da cultura dos trabalhadores. LUCA, Tânia Regina de. As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo. In: BONI, Luis A. de (Org.). A Presença Italiana no Brasil. Vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Cadernos AEL – Sociedades Operárias e Mutualismo. Edição 10/11, Vol.6. Campinas: UNICAMP/ IFHC, 1999.

terra natal, se reuniam na Igreja e nas festas, manifestado o desejo de ter uma capela para o Espírito Santo (a missa em louvor ao Divino era celebrada desde 1975). Na garagem do Sr. José Vitorino de Arruda, na Rua Zodíaco, formou-se uma primeira Diretoria, tendo como Presidente o Sr. Manuel de Medeiros.

O primeiro a dirigir a Casa foi o empresário Manuel de Medeiros, que ocupou a presidência durante cinco gestões, de 22/06/1980 a 11/07/1987. O segundo, Manuel Henrique Farias Ramos ficou no cargo de 11/07/87 a 9/07/1989, e o terceiro, Manuel Pereira Arruda, de 9/07/1989 a 6/7/1991. O quarto presidente, Antonio Mendes Cardoso Sequeira, ficou na presidência duas gestões, de 28/8/1992 a 24/06/1995. O sexto presidente foi Elisiário dos Santos Filho, que ocupou o cargo durante duas gestões, de 22/06/1996 a 29/06/2000.¹⁹

Em novembro de 1981, a sede foi transferida para a casa adquirida na Rua Dentista Barreto, 1.282. O projeto de construir/reformar a nova sede mobilizou várias famílias que participaram do processo através das doações em dinheiro, material e trabalho; sendo a obra finalizada (1986) contando com os dois Salões de festas, Cozinha, Adegas, Bar, Salas de reuniões, Secretaria, Biblioteca e a Capela do “Divino Espírito Santo”.

A Casa do Açores visava construir um território de encontro e sociabilidade entre parentes, conterrâneos e amigos, visando manter elos com as origens, cultivar as tradições açorianas, organizar eventos, festas religiosas e demais atividades culturais. Dessa organização regional, surgem diversidades de atividades culturais, sociais e de colaboração, com destaque para a organização do Grupo Folclórico, encontros gastronômicos, festas religiosas, atividades de lazer e recreação durante todo ano.

Nesse sentido, destaca-se que os movimentos de associativismo,²⁰ como este, tiveram papel relevante para legitimar politicamente a comunidade e suas tradições culturais. Assim, como outras

¹⁹ FREITAS, Sônia Maria de. Presença Portuguesa em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.167.

²⁰ Sobre a criação e objetivos das Casas Regionais: “[...] apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais - é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam [...]” SEYFERTH, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. p.67. “A origem do associativismo pode ser mesmo relacionada ao núcleo familiar: essa prática é atribuída ao “espírito de economia e previdência da família”. Os imigrantes teriam herdado essa tradição e se precavam criando

... casas regionais apresentam-se como locais de representações e manifestações culturais de identidade local, regional e nacional relacionadas aos distritos, províncias e regiões além é claro do próprio espaço nacional português. Tais representações estão apoiadas em referências geográficas a partir das festas, símbolos, imagens, saudosismo da terra natal em que as casas regionais se constituem como lugares para o estabelecimento e encontro de manifestações que revelam lado do processo de construção de identidade associado ao espaço geográfico.²¹

Inauguração da Casa dos Açores de São Paulo



Fonte: Acervo da Casa dos Açores de São Paulo.²²

muitas vezes um lar comum para os que não formavam família aqui ou não a traziam aos poucos. Independentemente da existência de associações beneficentes, as famílias de imigrantes costumavam acolher os patricios “órfãos”; todos os depoentes fizeram referência às pessoas agregadas em suas casas por longos períodos (geralmente “até casar”) ou os que apareciam em datas especiais (festas de fim de ano, dias santos)”. NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. Como Nossos Pais - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Mestrado em História, UFF, 1998. p.44.

²¹ SOUSA, Roberto Ribeiro de. Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2005. p.02.

²² Acervo de fotos da Casa dos Açores de São Paulo. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/inicio.html>>. Acesso em março de 2009.

Na sua trajetória histórica, a Casa assumiu funções que extrapolam os enlaces da sua fundação; além das articulações de contatos com as origens, foram constituídos elos com Governo Regional das Comunidades nos Açores²³, o que, praticamente, transformou a Associação numa representação oficial, assim, sendo vários representantes da Casa participam de eventos nas Ilhas com o apoio do Governo Regional.

Esta experiência associativa deixou marcas no patrimônio construído e nas heranças imateriais (festas, manifestações culturais e religiosas) e se tornou uma possibilidades para a recuperação de histórias da

açorianidade, as memórias da migração, a identidade diaspórica, a formação de redes transnacionais, as comunicações virtuais, a política cultural, as formas de organização comunitárias e as diferenças entre as comunidades inseridas em contextos nacionais específicos, aparecem como campos privilegiados de pesquisa.²⁴

Pelo conjunto de suas ações, a Casa dos Açores foi inscrevendo sua marca no bairro, levando os costumes e hábitos açorianos. Entre as proposições presentes nos estatutos da Casa dos Açores destaca-se a promoção da Festa do Divino Espírito Santo, reconhecida como o elo estratégico com a tradição das ilhas.

A Festa do Divino Espírito Santo: memória, tradição e patrimônio

Para além de focalizar as questões explicativas dos motivos de saída do país de origem e das necessidades que se apresentavam na sociedade de acolhimento, novas abordagens buscam observar as perspectivas culturais. Dessa forma, expectativas, aspirações, sonhos, desalentos e resistências culturais presentes no cotidiano se tornam objetos de investigação, tendo nas histórias de vida exemplos emblemáticos da epopeia que marcou o ato de abandonar as origens e enfrentar o desconhecido. Cabendo observar as alterações ao longo do processo, a manutenção e rupturas de vínculos, as formas de sociabilidade e os

²³ O Conselho Mundial das Casas dos Açores foi formado pelos membros constituintes das Casas dos Açores no mundo. Na Declaração de Horta, reunidos seus representantes, formou no período de 12 a 15 de novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores, por meio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades, esse elo com as direções efetivas das instituições, entre elas Elisiário dos Santos Filho, representante da Casa de São Paulo.

²⁴ LACERDA, Eugenio Pascele. Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Doutorado em Antropologia Social/UFSC. Florianópolis, 2003. p.52.

entrelaçamentos estabelecidos e, particularmente, a construção das identidades, que se redefinem ao longo das trajetórias e das gerações.²⁵

As identidades e/imigrantes se originam nos lugares de partida e, como tudo que é histórico sofrem interferências e transformações, longe de estarem cristalizadas num passado essencializado, constroem elos com o presente sendo constantemente construídas e reconstruídas, reforçadas por representações, experiências e práticas.²⁶

Expectativas e sonhos compõem as histórias de vida dos que enfrentaram o desafio do desconhecido no além-mar. Todavia, os e/imigrantes buscavam a manutenção de vínculos com a cultura de origem, estabelecendo formas de sociabilidade e identificações que foram definidas e redefinidas ao longo de trajetórias e gerações.²⁷

As festas e comemorações religiosas constituem-se em legados culturais, elementos de memória, tradição e patrimônio dos e/imigrantes, em especial a festa do Divino Espírito Santo, que é celebrada pela comunidade açoriana, todos os anos.

As celebrações da Festa do Divino têm ancestralidade na cidade de São Paulo. Era comemorada na região central da cidade, na Capela do Divino Espírito Santo (Rua Frei Caneca)²⁸, as famílias se esmeravam nos preparativos da festa, costurando os vestidos brancos, assando as roscas e as ‘massas sovadas’. Até 1903, os festejos do Divino não sofreram grandes alterações, entretanto, o aumento da devoção levou a necessidade da construção de um templo maior (1905).²⁹

Esta festa era realizada no mês de maio no bairro da Bela Vista e percorria outros bairros, chegando até a Barra Funda, onde havia muitos devotos. Os peditórios, ajudórios e folias eram feitos ao longo dos trajetos, sempre envoltos em danças, músicas e repentes, porta em porta angariavam-se fundos a serem doados para carentes da cidade, além de outras manifestações.

A festa profana constava comumente dos clássicos leilões de

²⁵ ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Cartografias dos estudos culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini. Doutorado/Ciências da Comunicação/USP. São Paulo, 1999. p.196.

²⁶ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.225.

²⁷ ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Cartografias dos estudos culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini. Doutorado em Ciências da Comunicação/USP. São Paulo, 1999.

²⁸ Construída pelos açorianos no final do século XIX (1887), a partir de 1911 essa capela passou a ser denominada: Espírito Santo da Bela Vista.

²⁹ FREITAS, Afonso Antonio de. Tradições e Reminiscências paulistanas. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1985, p.195.

prendas, levantamento do indefectível ‘pau-de-sebo’ e do ‘mastro’ do Divino, com as tradicionais salvas de ‘roqueira’, queima de rojões e ‘fogueiras’ que a sinonímia indígena converteu em ‘caiera’, finalizando com o insubstituível ‘cateretê’ entre a caipirada, e baile à europeia para os convidados mais grados do festejo, terminando tudo em opípara ceia para todos, na ‘casa do império’, e farta distribuição de gêneros alimentícios aos pobres.³⁰

A festa do Divino foi constantemente recriada, algumas vezes devido às restrições da Igreja e do Estado, observando-se a extinção de alguns elementos e a incorporação de novas práticas de religiosidade e de manifestação cultural.

... as festas do Espírito Santo perderam a originalidade da primitiva comemoração profana, com o desaparecimento do peditório em folia, desassimilado pela enorme massa de imigração bruscamente fixada em São Paulo, expoente incomparável de vitalidade e de progresso, mas também elemento poderosamente modificador de usos e de costumes; daí talvez, ter-se originado, moderadamente, a série de proibições conjuntas do poder eclesiástico com o secular que, a partir do bispo D. Antonio de Mello, vem apressando o desaparecimento da tradicional prática.³¹

Com a instalação dos açorianos na Zona Leste da cidade, a primeira festa do Divino realizada por essa comunidade ocorreu em maio de 1974. Após sua criação, a Casa dos Açores de São Paulo passou a encabeçar as celebrações, participando ativamente da promoção do evento, através dos seus associados e da arrecadação de fundos ao longo do ano.

Já estávamos construindo a Casa dos Açores. Então foi a 1ª festa que foi feita em frente à Casa dos Açores, foi a minha. Foi legal, geralmente tudo que se faz lá eu sou geralmente o pioneiro, tudo leva meu apreço, tudo que eu puxo o negócio pra ver se aquele está mais sério quem o anterior. Porque a gente estava na frente das casas dos mordomos, estava muito ruim, não dava pra fechar a rua então não se tinha mais controle. Então eu passei em 82, eu passei justamente pra Casa dos Açores onde se faz os festejos e dali pra frente foi sempre na Casa dos Açores.³²

A cada ano a festa³³ é organizada por um casal diferente – os “mordomos da festa”, escolhidos e anunciados ao final do festejo anterior, momento em que já se iniciam os preparativos das comemorações para o ano seguinte.

³⁰ Ibidem, p.169-70.

³¹ Ibidem, p.177.

³² Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros.

³³ A festa do Divino da Vila Carrão tornou-se um dos ícones da comunidade açoriana de São Paulo. ANGELO, Elis Regina Barbosa. Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Transformação e as Ressignificações Culturais. Jundiaí:Paco Editorial, 2015.

Neste sentido, buscando angariar recursos e articular a comunidade, são organizados encontros religiosos, gastronômicos e festivos, como: terços do Divino Espírito Santo, Quermesse da festa, coquetel dos colaboradores, aniversário dos Açores, Revelando São Paulo (com a participação do grupo nas atividades no parque da Água Branca), Semana Cultural Açoriana, Natal. Nestas ocasiões são servidos bacalhoda, massa sovada, cordeiro assado e cozido açoriano; além da apresentação dos grupos folclóricos, entre outras atividades.

Nas últimas décadas, as atividades festivas do Divino foram se concentrando na região do Carrão, a celebração religiosa inicia-se no domingo de Páscoa, cinquenta dias antes de Pentecostes. É considerada uma festa tradicional luso-açoriana, na qual se desenham atividades como a reza diária dos terços durante sete semanas, alternando-se as rezas cantadas por homens e mulheres.

As datas e os locais onde se realizam as rezas e os demais rituais da festa são previamente determinados. Os símbolos do Divino (Coroa e Bandeira) são levados para diferentes casas sorteadas a cada ano, sempre no último domingo de festa, conhecido como “as domingas do Divino”. Também nestas ocasiões ocorrem as Folias do Divino, feitas de improviso por repentistas que recolhem doações e cantam em agradecimento à comunidade.

No dia de Pentecostes, às nove e meia da manhã inicia-se a procissão, saindo da Casa dos Açores em direção à Igreja de Santa Maria Virgem, também na Vila Carrão, onde se realiza a missa em louvor ao Divino Espírito Santo. Durante o ritual religioso, sete crianças são coroadas e realiza-se a bênção aos presentes, em nome do Divino Espírito Santo.

As festividades continuam com a apresentação de grupos folclóricos que alegram os visitantes com as antigas cantigas portuguesas e açorianas. As comidas típicas da gastronomia açoriana compõem a celebração, com destaque para as linguças, alheiras, massas sovadas, malassadas e morcelas, além do vinho dos Açores, que são vendidos em barraquinhas durante as festividades.

a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos de artifício do arcaico.³⁴

Apesar das incorporações, adaptações, apropriações e transformações, os momentos de

³⁴ BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.64-5.

sociabilidade, as celebrações, os sabores das antigas receitas e as sonoridades se constituíram um legado cultural da comunidade, possibilitando identificações pessoais e coletivas.

Mesmo frente as mudanças ocorridas na cidade e na trajetória dos membros da comunidade (com o deslocamento de alguns para outros bairros), os açorianos reconhecem a importância e a necessidade da manutenção das tradições, reconstruindo de forma resistente elos entre o passado e o presente, desta forma, a Festa do Divino se tornou um marco celebrativo identitário.

Ao pensar no *território* (Casa dos Açores e Vila Carrão) como *locus* de sociabilidade, construção de experiências e trocas culturais, observa-se que nele se desenham as vivências do presente e do passado, através todo um conjunto de especificidades identitárias (hábitos, religiosidade, devoção, festividades, sonoridades, sabores) que estabelecem ligações simbólicas, emocionais e expressam sentidos de pertencimento local e de evocação da memória coletiva.

A Casa dos Açores se constitui como um território açoriano, tornando-se uma possibilidade para pesquisas em vários temas como: açorianidade, memórias da migração, cultura e patrimônio, identidade diaspórica, formação de redes transnacionais, comunicações virtuais, política cultural, formas de organização comunitárias, além de permitir observar diferenças entre essa comunidade e outras inseridas em outros contextos.

Bibliografia:

- ALVES, Jorge Fernandes. Os Brasileiros. Porto: s/e., 1994.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Transformação e as Resignificações Culturais. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CORDEIRO, Carlos e SILVA, Susana Serpa. “Perspectiva sobre a emigração açoriana no século XIX”, in: Actas da Conferência Internacional Aproximando Mundos. PP. 327-345.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Cartografias dos estudos culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini. Doutorado em Ciências da Comunicação/USP. São Paulo, 1999.
- FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Cadernos AEL – Sociedades Operárias e Mutualismo. Edição 10/11, Vol.6. Campinas: UNICAMP/ IFHC, 1999.
- FREITAS, Afonso Antonio de. Tradições e Reminiscências paulistanas. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1985.
- FREITAS, Sonia Maria de. Presença portuguesa em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LACERDA, Eugenio Pascele. Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Doutorado em Antropologia Social/UFSC. Florianópolis (SC), 2003.
- LOBO, Eulália Maria L. Imigração portuguesa no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LUCA, Tânia Regina de. As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo. In: BONI, Luis A. de (Org.). A Presença Italiana no Brasil. Vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- MATOS, M. Izilda S. de. Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano SP séculos XIX e XX. Bauru: EDUSC, 2013.
- NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. Como Nossos Pais - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Mestrado em História), UFF, 1998.
- PASCAL, Maria Aparecida. portugueses em São Paulo. São Paulo: Expressão e Arte, 2005.
- PEREIRA, Miriam Halpern. A política portuguesa de Emigração, 1850-1930. Bauru: EDUSC, 2002.
- RAMELLA, Franco. “Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratórios”. In: Bjerg, María y Otero, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA – IEHS, 1995, p. 9-21.
- RODRIGUES, Henrique. Alto Minho no século XIX, contextos Migratórios, socioculturais e familiares. Doutorado, Porto: FLUP, 2003.
- RODRIGUES, Ondina Antonio. Imigração portuguesa no Brasil. 4.ed. (Série Resumos, 5). Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura: Departamento de Museus e Arquivos. Memorial do Imigrante/Museu do Imigrante. São Paulo, 2006.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Ed. UNB, 1990.
- SILVA, M. Manuela R. S. Ambição e horror à farda ou a Saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883-1889). Doutorado, FFLCH-USP, 1991.
- SOUSA, Roberto Ribeiro de. Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2005.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TILLY, Charles. "Transplanted Networks". In: Yans-McLaughlin, Virginia (ed.). *Immigration Reconsidered. History, Sociology and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. O diálogo instituído, Nova Renascença, jul/set, 1984.

TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina S.de Souza. Olhares Lusos e Brasileiros. São Paulo: Usina do livro, 2003.

TRUZZI, Oswaldo. "Redes em processos migratórios". In: *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*. São Paulo: v. 20, 2008, p. 199-218.

Fontes:

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fotos. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/inicio.html>>. Acesso em março de 2009.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. Açor - Órgão Informativo da Casa dos Açores. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987.

Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

Depoimento de Dona Maria de Lurdes Arruda Paz, em entrevista concedida em 02/11/2006.